

Dr. Steven Mathewson, Pregando Narrativas do Antigo Testamento, Sessão 8: Contando Histórias, Entrando e Saindo

Aqui é o Dr. Stephen D. Mathewson, em uma série sobre a pregação de narrativas do Antigo Testamento. Esta é a oitava sessão: Contando Histórias, Introdução e Conclusão.

Esta sessão trata da narrativa, da introdução e da conclusão . A introdução e a conclusão referem-se à sua pregação, e a conclusão, claro, é a sua apresentação. Mas o foco principal será recontar a história, tentando contá-la bem . Como você sabe, qualquer história pode entediar ou entusiasmar uma plateia.

O que faz a diferença é o contador de histórias. E os pregadores que desejam comunicar histórias com maestria precisam dominar a arte de contar histórias. Portanto, chegou a hora de preencher o esboço do seu sermão e, como disse Haddon Robinson, é hora de dar vida aos ossos secos.

Portanto, como pregador, lembre-se: sua tarefa é pregar um sermão, não um esboço. Um esboço não é um sermão. É como um esqueleto sem carne.

Então, como dar corpo ao esqueleto? Mais importante ainda, como dar corpo ao esqueleto para tornar o sermão mais atraente do que insosso? Acho que uma das coisas que pode realmente ajudar é preparar um manuscrito do sermão. Talvez, com o tempo, você não faça isso sempre, talvez opte por um esboço mais detalhado, mas vale a pena escrever o sermão palavra por palavra. Já disse que estou no ministério pastoral há quase 40 anos e passo por ciclos.

O último ciclo em que transcrevi um sermão palavra por palavra foi há cerca de dois anos, dois anos antes de gravar este vídeo. E por um período de aproximadamente 18 meses, foi uma boa prática para mim. Eu simplesmente escrevia todos os meus sermões.

Eu escrevi um manuscrito. Mas não o fiz para memorizá-lo. De preferência, você nem levará o manuscrito para o púlpito.

Na verdade, escrever é muitas vezes uma forma de pensar. Não funciona para todos, mas acho que para a maioria de nós, enquanto nos debruçamos sobre as palavras, enquanto pensamos em como organizar tudo, isso realmente nos ajuda a pensar. E é por isso que insisto tanto na preparação de um manuscrito de sermão.

Eventualmente, você pode decidir: "Vou escrever apenas a introdução e a conclusão". Ou talvez haja um ponto crucial no sermão em que você pense: "Preciso refletir sobre como dizer isso", e então você dedica um tempo para escrever um parágrafo e expressá-lo bem. Mas eu o encorajaria a, ao começar a pregar, e mesmo ao longo de seu ministério, ocasionalmente retomar essa prática e escrever um manuscrito completo do sermão.

Agora, quando você fizer isso, o segredo é escrever em um estilo oral. Ou seja, imagine que alguém está sentado ali com um laptop, ouvindo você pregar e transcrevendo tudo. Essa pessoa está anotando palavra por palavra.

Ou digamos que seja gravado, e talvez alguém use IA para converter isso em uma transcrição. É isso que você está tentando criar. Então, se você é um professor de inglês, ou talvez até um professor de seminário, estamos corrigindo um trabalho e há uma frase incompleta, eles podem descontar pontos por isso.

Mas às vezes falamos em frases incompletas, não é? Então, não tem problema ter uma frase incompleta. Você está tentando fazer com que o manuscrito soe como você fala, e isso é útil. Isso vai te forçar a pensar na maneira como você vai dizer as coisas.

Bem, o que eu faço com o manuscrito do sermão é nunca tentar memorizá-lo, mas leio-o pelo menos uma vez na noite anterior à pregação, às vezes até duas vezes. De preferência, se eu pudesse lê-lo uma vez, tipo na sexta à noite, uma vez no sábado à noite, mas geralmente se eu conseguir fazer isso no sábado à noite, já está ótimo. Mas fazendo isso, você vai perceber que vai internalizar o conteúdo.

Não estou tentando memorizar, mas você vai internalizar, e alguns desses detalhes ficarão na sua memória. Algumas das frases também. Por isso, eu recomendo que você escreva um rascunho do sermão.

Mas o que entra nessa mistura? Como você desenvolve o esboço do sermão quando está escrevendo em um manuscrito? Bem, em um sermão sobre uma narrativa do Antigo Testamento, como já mencionei, sua principal tarefa, sua tática primordial, será contar bem a história, ou melhor, recontá-la bem. Agora, é aqui que a coisa complica um pouco, porque, lembre-se, já dissemos que os autores das histórias do Antigo Testamento as contam em um estilo bastante conciso e direto. Você não encontrará frases descartáveis.

Cada detalhe tem uma função. Eles não fornecem muitos detalhes extras para tentar pintar a cena para você. Mas acho que você e eu talvez precisemos fazer isso ao propagarmos essas narrativas.

E o segredo é encontrar um equilíbrio entre economia e detalhe. Não queremos ir para o outro extremo e apresentar descrições rebuscadas, descrevendo o personagem como um escritor moderno faria , ou uma cena dessa forma. Quero dizer, a tentação é adicionar detalhes e descrições em excesso, buscando elegância em vez de simplicidade.

Uma coisa que pode te ajudar nisso é ler bons contadores de histórias. Em primeiro lugar , leia um romancista clássico. Eu recomendo fortemente que você leia Ernest Hemingway, porque ele era realmente bom em escrever de forma concisa.

Ele usava verbos fortes e não tinha muitos advérbios e adjetivos. Suas frases eram mais curtas, mas também variadas. E sim, ele é esse tipo de pessoa; existem muitas outras que você poderia ler.

Mas eu recomendo especialmente que você leia descrições criativas de histórias do Antigo Testamento, da cultura do Antigo Testamento ou de personagens do Antigo Testamento. Um bom ponto de partida seria o livro de Eugene Peterson sobre a vida de Davi. Chama-se "Espiritualidade Terrena".

E ele exemplifica o tipo de narrativa, o tipo de descrição que eu acho que os pregadores podem usar. Então, deixe-me ler para vocês a descrição que ele faz do encontro de Davi no deserto, quando se deparou com o rei Saul na caverna perto de En-Gedi. É assim que ele descreve.

Ele disse: "David e alguns de seus homens estão escondidos em uma caverna escavada nos penhascos acima do Mar Morto. Aliás, você reparou na linguagem? Escavada nos penhascos acima do Mar Morto. É uma linguagem simples, mas vívida, não é? O dia está quente e a caverna está fresca."

Eles estavam descansando no fundo da caverna. De repente, uma sombra surgiu na entrada, e eles ficaram surpresos ao ver que era o Rei Saul. Não sabiam que ele estava tão perto em sua perseguição.

Saul entra na caverna, mas não os vê. Recém-saídos do sol escaldante do deserto, seus olhos ainda não se adaptaram à escuridão e não distinguem as figuras sombrias nos recônditos da caverna. Além disso, ele não está procurando por eles naquele momento.

Ele entrou na caverna para atender ao chamado da natureza. Ele lhes dá as costas . Bem, você não tem tempo para fazer isso em todas as cenas de uma narrativa, mas acho que ocasionalmente você pode escolher uma cena assim e, para ajudar seus ouvintes a sentirem o que está acontecendo, você a descreve.

Note que Eugene Peterson não usou linguagem rebuscada, mas simplesmente descreveu o que estava acontecendo, descreveu a realidade. Ele usou a imaginação, mas uma imaginação limitada pelos detalhes do texto. Então, às vezes, o que você precisa fazer é pensar: "Certo, aqui está Davi em uma caverna, e Saul entra na caverna."

Bem, como é isso? Você percebe que ele mencionou como a caverna é escura, os olhos de Saul ainda não estão adaptados à luz e Davi e seus homens estão no fundo. Você só precisa descrever essa cena, e algumas cenas assim não exigem muita pesquisa. Você consegue imaginar como seria entrar em uma caverna.

Outro livro que usei algumas vezes ao longo dos anos é o livro de James Michener, A Fonte. Esse livro alterna entre o relato ficcional de uma escavação arqueológica. Deixe-me tentar novamente.

O livro de James Michener, A Fonte, alterna entre o relato ficcional de uma escavação arqueológica na Galileia Ocidental e as histórias antigas por trás dos artefatos descobertos. As primeiras 373 páginas oferecem imagens vívidas da história judaica até cerca de 605 a.C., especialmente do cotidiano das famílias na Palestina, da agricultura e das práticas religiosas cananeias. Sua descrição do sacrifício de crianças pelos cananeus é realmente impressionante, e eu até já a utilizei em meus sermões quando preguei sobre textos que abordam esse tema, tentando ajudar as pessoas a imaginar como era essa situação.

Voltarei a esse assunto daqui a pouco. Mas em outro livro, este é mais um livro de tom fantasioso; o falecido pastor presbiteriano Frederick Buechner escreveu um livro chamado "Peculiar Treasures, A Biblical Who's Who" (Tesouros Peculiares, Um Quem é Quem da Bíblia), e ele oferece esses breves e espirituosos esboços de personagens que podem aguçar sua imaginação, caso você queira dar vida a esses personagens bíblicos. E não é que ele tenha feito muita pesquisa histórica ou cultural, ou que seja arqueólogo.

Essas são um pouco mais fantasiosas, e provavelmente você não poderá usar todas. Por exemplo, ele descreve Zaqueu no Novo Testamento como um pequeno desastre social, com uma conta bancária recheada e um emprego desonesto. Então, como eu disse, isso não se baseia em evidências arqueológicas.

É que ele tem um jeito peculiar de descrever as coisas. Veja como ele descreve Naamã em Segundo Livro dos Reis: ele diz que Naamã era um general cinco estrelas do exército sírio e também leproso.

Sua esposa tinha como empregada uma pequena escrava judia que um dia mencionou que havia um profeta chamado Eliseu em sua terra natal que podia curar a lepra tão facilmente quanto um sapo cura verrugas. Então Naamã partiu para

Israel com uma carta de apresentação do rei e uma mala cheia de dinheiro e pediu a Eliseu que fizesse o seu trabalho. Eliseu disse-lhe para mergulhar sete vezes no Jordão, e depois de alguns comentários iniciais sobre o facto de haver rios na Síria que faziam o Jordão parecer uma trilha de vacas, Naamã foi e fez o que lhe foi dito.

Quando ele saiu, parecia um anúncio de sabonete de óleo de palma. Naamã ficou tão grato que se converteu na hora e tirou algumas notas de cinquenta dólares da mala, mas Eliseu disse que ele era um profeta de Javé, não um dermatologista, e se recusou a aceitar um centavo. Hilário, não é? Mas esse é o desafio.

Você usa isso em um sermão? Porque às vezes imagens assim podem nos levar ao limite, mas talvez seja possível adaptar coisas desse tipo. Aliás, você deve ter notado que é um pouco antiquado. Provavelmente ninguém mais sabe o que é sabonete de óleo de palma hoje em dia, mas você entendeu a ideia.

No livro a que me referi anteriormente, intitulado "Leap Over a Wall, Earthly Spirituality for Everyday Christians" (Salte Sobre um Muro: Espiritualidade Terrena para Cristãos do Dia a Dia), Eugene Peterson oferece algumas reflexões sobre a vida de Davi. Seu interesse principal nesse livro é a formação espiritual, mas suas reflexões realmente despertam a imaginação de pregadores que desejam contar histórias com maestria. Ele é um excelente orador, então gostaria de ler para vocês sua descrição de Samá e a história da unção de Davi em 1 Samuel 16.

Shammah era apenas um dos filhos, e isto é o que ele diz. Shammah era um rapazinho afetado e sofisticado, de calças jeans Calvin Klein e botas de caubói de couro de crocodilo. Ele mal conseguia atravessar a rua sem sujar as botas com bosta de vaca quando morava na aldeiazinha de Belém.

Conviver com toda aquela gente comum, seus jogos vulgares e entretenimento grosseiro era uma tortura para ele. Não sabia o que Samuel estava tramando, mas parecia ser a porta de entrada para uma vida mais refinada, repleta de cultura e bom gosto. Mas Samuel o dispensou com um simples aceno de cabeça.

Novamente, esse exemplo levanta a questão: os pregadores devem usar linguagem coloquial, especialmente aquela que incorpora imagens modernas à narrativa? Creio que podemos fazê-lo, desde que nossa exegese limite e informe, e desde que não a utilizemos em excesso. Quero dizer, acho que as pessoas entendem o que estamos fazendo, mas, assim como o humor exagerado, se usado em excesso, pode soar mal. Portanto, é preciso decidir o que funciona, mas, às vezes, adicionar um pouco de humor e talvez descrever Shammah dessa forma o torna mais vívido.

E você percebe que, em cada um desses irmãos, há algo neles que Samuel não vê. Eles não são as pessoas certas para serem o próximo rei de Israel. Quando você

descreve cenas como as que li anteriormente, precisa fazer uma pesquisa histórica e cultural extensa, e é aí que bons comentários podem te ajudar.

Dicionários bíblicos e enciclopédias bíblicas também são úteis. Eu uso regularmente atlas bíblicos e até livros de arqueologia. Esses livros fornecem detalhes concretos e mantêm sua imaginação em sintonia com o texto bíblico.

Essa é a chave. Então, por exemplo, quando preguei sobre Josué 3, provavelmente dediquei cerca de meia hora à pesquisa sobre o Vale do Jordão. Li alguns livros sobre geografia bíblica, e essa foi a cena que imaginei.

Descrevi assim: quando os primeiros raios de sol despontaram sobre o planalto montanhoso e iluminaram o Vale do Jordão, o ar já estava pesado de umidade. Era primavera nesta fenda geológica no subsolo da Terra, um vale afundado entre duas falhas geológicas, neste local a cerca de 300 metros abaixo do nível do mar.

Milhares e milhares de israelitas se preparavam para entrar na terra prometida, mas atravessar o vale nesta época do ano é praticamente impossível. Um rio o atravessa. Não o Rio Velho, que simplesmente segue seu curso sinuoso, mas o Rio Velho Furioso.

O Jordão não é um rio muito largo, mas na primavera, o degelo da neve o faz correr impetuosamente pelo vale do Jordão. É uma massa disforme, marrom-chocolate, que arranca pedaços do penhasco enquanto serpenteia, cospe água e se agita. Mas Israel terá que atravessá-lo para conquistar a terra prometida por Deus.

Agora, se eu pudesse criticar meu próprio parágrafo, acho que há algumas expressões um pouco rebuscadas demais, um pouco descritivas demais. Talvez a expressão "fenda geológica no porão da terra" seja um pouco exagerada. São esses tipos de coisas com as quais você precisa lidar.

Mas veja o que eu fiz, tentei descrever isso, pintar um quadro, porque quando as pessoas chegam ao Rio Jordão, ok, sim, temos que atravessar o Rio Jordão, seus ouvintes entendem isso. Mas acho que eles não percebem, ei, isso foi na primavera, é um rio pequeno, mas eu já vi o que rios pequenos podem fazer. Quando morei em Montana por anos, na primavera, alguns daqueles rios pequenos que você podia literalmente atravessar a pé, você não ousaria fazer isso na primavera, ou você poderia ser arrastado e perder a vida.

Então, estou tentando imaginar uma cena aqui, não porque quero ser esperto ou engraçado, mas para ajudar meus ouvintes a entrarem na história, a verem o que os israelitas viram e a sentirem o desafio que enfrentaram. Muito bem, outra coisa que precisamos fazer é seguir os elementos de estilo consagrados. Os contadores de

histórias em nossa cultura desenvolveram um estilo que cativa os leitores, ou ouvintes, para dentro da narrativa.

E eu sei que algumas questões vão depender da sua preferência pessoal, mas existem algumas regras básicas que precisamos seguir quando pregamos e quando recontamos uma história. Uma delas é usar palavras concretas e específicas. Não posso enfatizar isso o suficiente.

Então, em vez de dizer "David vai para a frente da caverna", você poderia dizer algo como "David se esgueira até a frente da caverna". Ou, em vez de dizer que fulano bateu em outro personagem, talvez você use uma palavra como "deu um soco" ou "esfaqueou". Às vezes, você pode sair de uma rotina verbal usando um dicionário de sinônimos online, mas certifique-se de usar a palavra apropriada.

Às vezes, tentar enfatizar um substantivo como "rocha" com um modificador como "grande" é uma tentação, não é? Não, use uma palavra como "pedregulho". E em vez de "flores" — não há nada de errado com essa palavra, mas escolha a designação apropriada, como margaridas, lírios ou rosas. Lembro-me de uma vez pregando sobre 1 Samuel 17, e eu queria descrever o vale de Elá, então dediquei um tempo para pesquisar, para aprender que tipo de flores teriam florescido, quais flores silvestres teriam florescido naquele vale, e acrescentei isso à minha descrição.

Então, provavelmente gastei 10 minutos para encontrar uma única palavra. Não dá para fazer isso com tudo, mas sempre fique atento, e é por isso que um manuscrito é útil. Consulte seu manuscrito e você verá uma descrição como "cheiro desagradável".

Você pode dizer: "Que tal a palavra 'fedor'? Ou, em vez de comida, que tal pão de milho, figos ou uvas? Agora, certifique-se de que isso é o que o personagem da história teria comido, ok? Alarme ou terror podem funcionar melhor do que 'grande medo'. Isso nos leva a outra sugestão: evitar modificadores em excesso. Alguns comunicadores usam adjetivos e advérbios para tentar compensar a falta de força de verbos e substantivos.

Nesse aspecto, Ernest Hemingway se destacou. Ele realmente aprendeu a desconfiar de adjetivos. Mais tarde, Carl Sandburg, outro grande escritor, escreveu: "Desconfio mais de adjetivos do que em qualquer outro momento da minha vida".

E é por isso que adjetivos como bom, ruim, ótimo, grande, legal tendem a falhar, porque são muito genéricos. Agora, eu sei que o Antigo Testamento usa a palavra hebraica tov, ou bom, com frequência, e isso não tem problema. Mas em muitas de nossas descrições, precisamos ter cuidado para não recorrermos simplesmente a modificadores, mas sim a palavras mais fortes.

Então, essa é uma dica muito importante enquanto você trabalha nisso. Além disso, uma terceira sugestão que eu faria é eliminar os elementos que tiram a vitalidade do texto. E estou falando aqui da voz passiva, que simplesmente suga a vida e o vigor da mensagem.

Lembre-se, um verbo na voz passiva recebe a ação e geralmente é precedido por "is", "was", "were" ou "has been" em inglês. Então, se estivermos falando de Golias, você poderia dizer: "A testa de Golias foi atingida por uma pedra que foi arremessada da funda de Davi". Mas se você usar verbos na voz ativa, terá muito mais impacto.

Você diria que Davi atirou uma pedra com sua funda e atingiu a testa de Golias. Grande diferença, não é? Então, mais uma vez, revise seu manuscrito e veja se há algum verbo na voz passiva. Aliás, esse pode ser um ponto em que você poderia usar inteligência artificial.

Devemos sempre ter cuidado para não usar a IA para realizar o raciocínio que precisamos fazer. Mas, uma vez que você tenha refletido sobre o assunto, digamos que você tenha um manuscrito, insira-o na IA e faça perguntas específicas. Você precisa fornecer o estímulo correto.

Digamos, aponte quaisquer verbos na voz passiva. E isso acontecerá. E você poderá analisar e talvez encontrar um ou dois trechos em que você diria: "Eu realmente precisei usar um verbo na voz passiva".

Tudo bem. Mas acho que você também encontrará alguns trechos onde, por exemplo, se você alterasse o texto e o tornasse ativo, ele poderia sinalizar essa frase. A testa de Golias foi atingida por uma pedra que havia sido arremessada da funda de Davi.

E se isso for destacado, você pode observar por alguns segundos e pensar: "Certo, deixe-me tornar isso ativo". Então, Davi atirou uma pedra com sua funda e atingiu a testa de Golias. E isso terá um impacto muito maior.

Aliás, o uso desse termo pode tornar a prosa monótona e emperrar a narrativa. Em vez de dizer "havia algo de irônico nas instruções de Cícero a JL", diga simplesmente "as instruções de Cícero a JL transbordavam ironia". Percebe a diferença? Então, mais uma vez, se você inserir o manuscrito do seu sermão em um determinado serviço de IA, ele sinalizará isso para você.

E então, pensando um pouco, você pode mudar isso para ativo. E é muito mais poderoso. E eu acabei de quebrar minha própria regra, muito mais poderoso.

Entendeu o que eu fiz? É isso que queremos evitar em nossos sermões e em nossa comunicação. É muito fácil cairmos nesse erro, tanto na fala quanto na escrita. Por isso, precisamos estar vigilantes.

Número quatro: evite ser muito esperto. Já falei sobre isso, mas vale a pena repetir. Quero dizer, palavras e descrições criativas em excesso têm o mesmo efeito que xarope de bordo em excesso nas panquecas.

Se é que existe algo assim. Não sei. Eu gosto muito de xarope de bordo , mas entendo .

Exagerar é demais. E a tentação é sensacionalizar em nossas descrições. Em nossa busca por evitar palavras batidas, isso frequentemente acontece quando descrevemos diálogos.

E em vez de simplesmente dizer "Golias disse", talvez isso pareça muito fraco, mas queremos dizer "Golias bradou". E isso pode funcionar uma vez. Aliás, essa pode ser a melhor opção.

Mas se você continuar usando isso, vai exagerar. Na verdade, talvez o grito de Golias transmita a mensagem com mais eficácia. Número cinco: mostre ao leitor em vez de contar.

Você quer que os leitores cheguem a suas próprias conclusões ou sintam algo por si mesmos, em vez de simplesmente dizer a eles. Então, em vez de dizer que Golias era um homem enorme, ou até mesmo que Golias era um homem do tamanho do Incrível Hulk, isso funciona.

Mas você poderia dizer que, quando Golias estava parado na porta, ele preenchia toda a moldura. Ou poderia dizer que o sutiã e o casaco de Golias pesavam cerca de 57 quilos. E a ponta de uma lança pesava tanto quanto uma bola de arremesso de peso.

São essas as coisas que fazemos. E você pode dizer, boa noite. Eu simplesmente não penso dessa forma.

Bem, é aí que entra o que eu sugeri antes. Leia pessoas que usam imagens vívidas, estejam elas descrevendo cenas bíblicas ou não. Isso se tornará parte integrante da sua maneira de pensar e, conseqüentemente, da sua maneira de falar.

Por isso, estamos sempre tentando encontrar maneiras boas e vívidas de dizer as coisas. Além de recontar a história, quando pregamos, queremos dedicar algum tempo ao desenvolvimento de imagens. Já temos feito isso de certa forma.

Queremos formar imagens na mente dos nossos ouvintes, porque as pessoas respondem às imagens que compõem a galeria de suas mentes. Portanto, além de visualizar a ação da história, aqui estão algumas outras coisas que você pode precisar visualizar para seus ouvintes. Uma delas seriam imagens explicativas.

É aqui que entra uma informação histórica e cultural que você precisa explicar. E sabe como muitos pregadores fazem isso? Eles dizem: "Na antiga religião cananeia", ou pior, dizem: "Deixe-me dar um pouco de contexto sobre a antiga religião cananeia". Isso só vai fazer as pessoas dormirem.

Existe uma maneira mais eficaz: basta descrever a cena. Como mencionei anteriormente, li o livro de James Missioner, A Fonte. Certa vez, quando eu pregava sobre o livro de Reis e havia um rei israelita que praticava sacrifícios de crianças, quis ajudar meus ouvintes a imaginar o horror disso.

Talvez não pareça difícil fazer isso, mas eu fiz assim. Imagine chegar em casa depois de um dia de trabalho no seu olival e encontrar os padres da sua aldeia. Eles trazem a notícia terrível que você e seu cônjuge tanto temiam.

Os astros indicam que seremos atacados pelo norte por um exército maior do que antes. É essencial tomar providências e ter uma queima de sóis amanhã. Com um corante vermelho obtido na praia, eles mancham os pulsos do seu bebê e depois mandam você parar de chorar.

Essa é uma forma possível de fazer isso. Novamente, se eu fosse voltar a trabalhar nisso, talvez o fizesse. Acho que hoje em dia estou preocupado em ser muito rebuscado, em usar descrições muito vívidas.

Mas acho que descrever uma cena como essa poderia ajudar as pessoas. Acho que quando ouvimos falar em sacrifício infantil, simplesmente não nos impactamos. E reparem que eu não descrevi o sacrifício em si, mas apenas os eventos que o antecederam, para tentar ajudar as pessoas a entenderem que isso era algo que as pessoas envolvidas em religiões pagãs temiam.

E se isso fosse praticado em Israel, como sabemos que era devido à forma como a religião cananeia se consolidou, era isso que as pessoas teriam vivenciado. Aliás, eu imploro aos pregadores que nunca, jamais, jamais digam: "Deixe-me dar um pouco de contexto para ajudá-los a entender a história que vamos analisar hoje". Isso, novamente, é apenas uma maneira de fazer seus ouvintes dormirem.

Pegue essas informações de contexto e as conte como parte da história. Essa é uma das habilidades, e você pode se dar ao luxo de fornecer muitas informações de contexto. Quando você as conta como uma história, as pessoas estarão prestando

atenção, ouvindo, e não perceberão que o que você está apresentando é baseado na pesquisa que você fez em dicionários bíblicos.

Mas se você simplesmente se levantasse e lesse um parágrafo daquele dicionário bíblico, por mais útil que seja, isso entediaria seus ouvintes, e eles não conseguiriam imaginar o que está acontecendo na narrativa que você está tentando contar. Eles estariam pensando no que vão almoçar. Sugiro também que pensemos em imagens que ilustrem a realidade.

Acho que precisamos pintar um quadro de como a verdade se apresenta, vívido na mente dos ouvintes. Jamais me esquecerei de ter assistido às alegações finais de um julgamento por homicídio em nossa comunidade. Um jovem estava sendo julgado por homicídio doloso pela morte a tiros de um amigo de longa data, e o que me fascinou foi que tanto o promotor quanto o advogado de defesa, em suas alegações finais, contaram histórias.

Cada advogado elaborou uma narrativa sobre o envolvimento do réu no assassinato, e o que me fascinou foi que cada um deles omitiu muitos dos dados técnicos que haviam apresentado anteriormente no julgamento. Eles não recorreram a laudos balísticos, análises de manchas de sangue feitas pelo laboratório criminal, e assim por diante. Simplesmente pediram ao júri que agisse com base em sua versão particular do crime.

E eu acho que os pregadores precisam seguir a mesma abordagem. Quando falamos sobre a aplicação prática, acho que temos que mostrar às pessoas como ela se manifesta na prática. Por exemplo, aqui está uma imagem que mostra como a abordagem de Baraque diante de sua situação peculiar se aplica a nós, que também enfrentamos situações peculiares.

Situações que exigem que demonstremos coragem. Foi assim que descrevi isso em um sermão. Eu disse: é fácil hesitar como Baraque fez diante dos mandamentos de Deus.

Deus ordenou a Baraque que liderasse o exército israelita contra o exército de Jabim. Para você, pode ser o chamado de Deus para proclamar o evangelho e reconhecer Jesus diante das pessoas em sua vida, mas você reluta em se manifestar, sabendo que colocará sua segurança ou pelo menos seu conforto em risco. Ou talvez você tenha dificuldade em disciplinar seus filhos para treiná-los no caminho da sabedoria.

Você hesita em impor limites ao consumo de redes sociais deles. Falta-lhe coragem para dizer que não pode baixar aquele aplicativo no seu smartphone. Certo, viu o que eu fiz? Em vez de simplesmente dizer, sabe, precisamos aplicar isso em nossa vida familiar, ou precisamos aplicar isso na disciplina dos nossos filhos, ou na proclamação do evangelho.

É verdade, mas eu levei alguns segundos, não muito tempo, mas alguns segundos, para criar uma imagem. E isso é o que eu chamaria de imagem de aplicação, que descreve a situação que seus ouvintes enfrentarão. E quanto a ilustrações, citações ou outras informações factuais? Honestamente, acho que os sermões sobre narrativas do Antigo Testamento não precisam depender muito de ilustrações, citações ou estatísticas, ou pelo menos usamos esses materiais de maneira diferente.

Quando se trata de ilustrações, você sabe, a história que você está contando terá seu próprio peso. É preciso ter cuidado; se você interromper a história com uma ilustração longa, isso terá um efeito contrário. Aliás, eu quase nunca uso histórias como ilustrações quando estou pregando.

Se eu estiver pregando sobre Juízes 17 e 18, não vou dizer, anos atrás, Abraham Lincoln, quando ele veio ao Rio Fox, blá, blá, blá, blá. Não vou fazer isso porque isso desvia o foco da história que estou contando. Simplesmente tira a energia e o ritmo, e eu não quero que isso aconteça.

Qualquer ilustração que eu vá usar precisa ser concisa. Então, por exemplo, se eu estiver pregando sobre Jericó em Juízes capítulo 6, depois de ler ou descrever a estratégia militar em que o povo simplesmente marcharia ao redor da cidade por sete dias, sem entrar em batalha, eu poderia dizer: "Sabe, não é preciso ser especialista em batalhas militares para perceber como essa estratégia é estranha. É quase como um técnico dizendo ao seu time de basquete: aqui está o plano de jogo."

Quero que você entre em quadra e segure a bola durante os quatro quartos. Agora, percebe como foi rápido? Não foi uma ilustração longa e arrastada. Eu não contei uma história sobre Phil Jackson treinando Michael Jordan ou algo do tipo.

Foi algo que mencionei de passagem. Levou algumas frases, e esse é praticamente todo o tempo que teremos para isso. Quanto às citações, geralmente, eu as reservaria para a introdução ou a conclusão de um sermão.

Novamente, não quero interromper o ritmo da história que estou contando. Se eu fizer alguma coisa, posso usar uma analogia, assim como fiz em Josué 6, para que as pessoas possam, sabe, se eu estiver explicando algo que lhes pareça estranho, eu possa comparar com algo atual, e as pessoas, ah, sim, ok, entendi. Então, é algo que queremos fazer.

Já falamos sobre informações factuais e, novamente, sobre como pegar essas informações factuais e contá-las como uma história para que seus ouvintes não se percam em detalhes. Agora, muito rapidamente, como você introduz e conclui um sermão sobre uma narrativa do Antigo Testamento? E a única coisa que eu diria em

ambos os casos é, resumidamente, que este não é o momento para longas introduções ou conclusões. Você quer entrar na história.

Haddon Robinson costumava dizer que uma boa introdução a um sermão cria interesse, desperta a necessidade do sermão e, em seguida, orienta os ouvintes em relação ao texto. E eu acho que é isso que queremos fazer quando introduzimos um sermão narrativo do Antigo Testamento. Você pode começar com uma citação.

Você pode começar com uma breve anedota. Novamente, eu não usaria uma história, pois você estaria competindo com a narrativa bíblica. Mas comece com algo que desperte interesse, que evoque a necessidade do sermão.

Você poderia começar um sermão sobre idolatria, talvez usando a citação de João Calvino sobre como o coração humano é uma fábrica de ídolos. Você poderia simplesmente começar por aí, dizendo que esse é um problema atual, e apontar para as pessoas que Juízes 17 e 18 mostrarão por que devemos nos preocupar com a idolatria. Quais são os efeitos negativos? Que tipo de dano a idolatria causa? E então contamos a história.

Dizemos que a história responderá a essa pergunta. Contamos a história. Observe que não revelei a ideia principal, mas dei uma prévia suficiente para que as pessoas saibam o que essa narrativa abordará.

Sim, eu sei, as pessoas se interessam pela história, e se você começar a contá-la, elas vão ouvir. Mas acredito que seja uma boa ideia começar por aí, não só para despertar o interesse, mas também para criar uma necessidade. Quando as pessoas terminarem a introdução da narrativa, quero que estejam pensando: "Quero ouvir essa história".

Na verdade, preciso ouvir essa história porque ela vai abordar um problema com o qual eu luto. Então, é isso que uma boa introdução pode fazer. Aliás, você poderia começar com o que chamamos de abertura a frio.

Você poderia simplesmente começar a narrar uma das cenas da história e descrevê-la, mas depois teria que recuar um pouco e dizer: "Esta é parte da história que estamos analisando hoje", ou "Esta é a enrascada em que nosso personagem se mete", e adivinhe só? Nós nos metemos na mesma enrascada hoje em dia. É por isso que precisamos ouvir essa história. Então, é esse tipo de coisa que estamos tentando fazer.

E então a saída, a conclusão, novamente, precisa ser breve. Você atinge aquele ponto culminante, aquele momento "eureka!", acho que você fará alguma aplicação prática e então terminará. Talvez uma citação, talvez uma breve ilustração no final,

ajude a consolidar as ideias, mas este não é o momento para uma longa e detalhada aplicação prática ou qualquer outra coisa na sua conclusão.

É só pousar o avião. Se você já voou, sabe a frustração de saber que está quase na hora de pousar, mas você meio que pressente, ou talvez o piloto até diga, que estão circulando o aeroporto, que há muito tráfego aéreo, e que estão esperando a sua vez, e isso é frustrante. Acho que às vezes as conclusões dos sermões são assim.

Por isso, aconselho você a escrever sua conclusão em forma de manuscrito , para saber exatamente o que vai dizer, porque sabe o que acontece se não fizer isso? Já passei por isso. Começo a me aproximar para o pouso e parece que algo não está certo, então dou outra volta no táxi . Tento pousar novamente.

Não parece certo. Você continua falando porque não sabe quando parar. Portanto, certifique-se de que tanto suas introduções quanto suas conclusões sejam breves e, com isso, é hora de se levantar e pregar.

Você já preparou seu manuscrito. Sabe como vai desenvolvê-lo. Chegou a hora de se levantar e pregar, e por isso, na próxima sessão, vamos falar sobre como apresentar esse sermão de forma eficaz.

Este é o Dr. Stephen D. Mathewson em sua série sobre a pregação de narrativas do Antigo Testamento. Esta é a oitava sessão: Contação de histórias, entrada e saída.